

Um olhar da Psicanálise sobre alguns Contos de Fadas

Alba M. R. Sewaybricker Benito¹

Qual é o valor dos contos de fadas nos nossos tempos? Ainda são importantes?

Se reconhecemos que o inconsciente existe e é determinante de muitas das nossas ações, conforme Freud nos demonstrou de várias formas, sim, os contos de fadas são importantes e atemporais. Se formos além e lembrarmos que as angústias estão presentes desde os primeiros anos de vida (acompanhadas das fantasias inconscientes, dos mecanismos de defesa e sintomas) então, contar histórias pode ajudar muito no processo de elaboração destas questões, do mesmo modo que o sonho, a simbolização e o brincar.

Os contos de fadas tratam de angústias e fantasias de todo ser humano, em algum momento da sua vida. Quem nunca sentiu o medo do desamparo? Ou sentiu-se rejeitado? Ou viveu as dores do crescimento? Ou sentiu as dificuldades de renunciar a um prazer imediato para evitar um desprazer maior depois? Ou se viu tomado de raiva e ciúmes pelos sentimentos de ser preterido em relação a um irmão ou irmã? Um pouco adiante, na adolescência, todos vivem intensamente a rivalidade materna ou paterna. Não são assim as angústias: universais e atemporais?

Utilizei, basicamente, três textos como referências para este artigo: ***Os Contos de Fadas***, de Perrault, Grimm, Andersen e outros com apresentação de Ana Maria Machado; ***A Psicanálise dos Contos de Fadas***, de Bruno Bettelheim e ***Fadas no Divã***, de Diana Lichtheinstein Corso e Mario Corso.

Há 37 anos, o clássico livro de Bruno Bettelheim era publicado no Brasil. Segundo ele, os contos de fadas expressam os anseios do Id e favorecem que as crianças encontrem soluções para seus conflitos. Ressaltou a importância das polarizações entre o bem e o mal, dizendo que assim funciona a mente infantil. Para Bettelheim, não fazia sentido abrandar os contos com histórias menos intensas, menos radicais. Tampouco, recomendava que se considerassem os desenhos da Disney, pois não apresentavam os contos da maneira mais original.

As Fadas no Divã, livro de Diana e Mario, autores brasileiros, publicado há 10 anos, já traz à tona os desenhos, as releituras desses contos e novas histórias tão atuais como Harry Potter. Consideram os desenhos animados inspirados nesses contos como o primeiro contato de muitas crianças com tais histórias. Segundo estes autores, seria uma tolice desconsiderá-los uma vez que fazem parte do imaginário de tantas crianças.

Abordarei apenas nove contos para refletirmos um pouco sobre a linguagem simbólica dessas histórias. Acredito que as conheçam, em alguma das versões. Para lembrá-los, sugiro a leitura de ***Os Contos de Fadas***, de Perrault, Grimm, Andersen e outros com apresentação de Ana Maria Machado.

¹ Alba Maria Rodrigues Sewaybricker Benito, Psicanalista, CRP 06-8373
www.espacopsicanalitico.net albabenido@uol.com.br (19)3207-3899

1. **O Patinho Feio e Dumbo**
2. **João e Maria**
3. **Os Três Porquinhos**
4. **Chapeuzinho Vermelho**
5. **Rapunzel**
6. **A Bela Adormecida**
7. **Branca de Neve e os Sete Anões**
8. **Cinderela**
9. **João e o Pé de Feijão**

1. O Patinho Feio e Dumbo

Ambas histórias giram em torno do desamparo e dos sentimentos de rejeição, seja pela própria família, seja pelos outros que não aceitam a diferença.

A mãe, durante a gestação, imagina seu filho perfeito. Ao conhecê-lo após o nascimento, pode ocorrer o desencontro, o desapontamento e teremos possíveis problemas nos vínculos. Do lado do bebê, ao longo da vida, haverá a dúvida se ele corresponde às expectativas da mãe, terá fantasias de adoção ou, como o Patinho Feio, *se era o ovo certo no ninho certo*.

Lembro que nas duas histórias, devemos observar a época em que elas circularam, O Patinho Feio, do século XIX, foi discriminado inclusive pela mãe; já o Dumbo, filme de Disney, de 1941, foi defendido pela mãe, que entendia a importância de aceitar o filho do jeito que viesse, sem discriminá-lo. Isto é mais atual, sem dúvida!

Podemos avançar um pouquinho e buscarmos o lugar de “pai” que o ratinho parece ocupar na história do Dumbo, ou seja, como aquele que estimula o crescimento do filho, que favorece que ele ganhe asas. O pai fazendo o contraponto da superproteção que algumas mães procuram dar.

2. João e Maria

Antes de mais nada, é preciso ressaltar que o lugar da criança na modernidade é outro. Antigamente, ela ficava com o resto dos adultos. Foi nesta época que surgiu este conto que começa com as crianças sendo expulsas por não haver comida suficiente para todos em casa.

Olhando por outro ângulo, temos a simbolização do desmame, da emancipação e do crescimento vividos como abandono neste conto. Se formos mais longe, temos um primeiro menino anorético, representado pelo João. Seria uma regressão de João, recusar-se a comer quando engaiolado pela bruxa, denunciando o vínculo sufocante e enlouquecedor com uma mãe devoradora (representada pela bruxa)?

Podemos ainda ir além e pensarmos na toxicomania, no alcoolismo, na bulimia e outros distúrbios alimentares que encontramos como formas de tentar “resolver” vazios, angústias e frustrações “devorando casinhas” como João e Maria.

Vejam que mesmo a partir de um conto que parte de um lugar da criança totalmente antiquado, chegamos às patologias atuais como os transtornos alimentares e a drogadição.

3. Os Três Porquinhos

Poderíamos dizer que se trata de uma fábula, inclusive, com uma lição de moral. No entanto, gostaria de tratar dos *Dois Princípios do Funcionamento Mental*, publicado em 1911, no qual Freud descreveu tão bem o desenvolvimento do Princípio do Prazer em Princípio da Realidade - o que se aplica bem a esta história.

Inicialmente, somos movidos pelo Princípio do Prazer. Evitamos o desprazer e ponto final! À medida que as frustrações ocorrem, que o pensamento se desenvolve, este princípio se aperfeiçoa e se torna o Princípio da Realidade. Assim sendo, um prazer pode ser adiado para evitar um desprazer maior depois. Construir uma casinha mais resistente, mesmo que dê um pouco mais de trabalho e leve mais tempo, pode ser bem conveniente para combater *o ataque do lobo*. Será que o porquinho mais velho não é justamente o mesmo, que cresceu e aprendeu com as duas experiências anteriores?

4. Chapeuzinho Vermelho

A ingenuidade da Chapeuzinho já era bem conhecida pela mãe que alerta para que ela não se distraia pelo caminho. O maldoso lobo tem uma presa fácil, ingênua e consegue atingir seu objetivo. Ele cria uma cena de confiança e a leva a seguir suas “recomendações”, se distraindo pelo caminho...

Ao chegar, mesmo tendo todos os indícios de que não era a vovó e sim o lobo mau, Chapeuzinho nega até o último instante esta realidade e vai parar na barriga do lobo, assim como a vovó.

Com a chegada do caçador, tanto a avó quanto a menina renascem. Isto pode estar simbolizando o desenvolvimento de ambas que perdem a ingenuidade, passam a confiar mais em suas percepções, deixando de negá-las ou banalizá-las.

5. Rapunzel

Tudo começa com um desejo de grávida. A mãe da menina que estava para nascer desejou comer vegetais da casa da vizinha – uma feiticeira – e a bebê foi entregue à feiticeira pela transgressão. Com a aproximação da adolescência, Rapunzel é trancada na torre e recebe a visita da sua amada e possessiva mamãe bruxa toda vez que joga suas tranças.

Mas surge um príncipe, para o qual ela também joga as tranças. Aí sim, a mãe vira uma bruxa e a expulsa. Isto lembra a história bíblica de Adão e Eva que são expulsos do Paraíso pela transgressão.

Há ainda um paralelo com a ideia de completude do Paraíso e o vínculo simbiótico entre mãe e filha. Será que as tranças representam o cordão umbilical que uniu por nove meses mãe e bebê?

6. A Bela Adormecida

A feiticeira excluída da festa amaldiçoa a menina que acabara de nascer. Esta morreria ao se machucar no fuso de uma roca, aos 16 anos. Apesar de todos os cuidados para evitar a maldição, o acidente ocorre e a jovem adormece após sangrar com o ferimento.

Podemos dizer que o sono profundo disparado pela menarca sugere uma regressão ao período de latência que precede a adolescência. Algo semelhante ocorre com a Branca de Neve ao ser envenenada pela maçã, como veremos a seguir.

7. Branca de Neve e os Sete Anões

Ao ser abandonada na selva, Branca de Neve se defende dos perigos, se refugiando na casa dos anões. Ela regride para a latência detendo seu desenvolvimento e a puberdade que se anunciava.

Após as investidas da madrasta para eliminar a rival, finalmente Branca de Neve adormece para ser despertada por um príncipe que também havia passado pela selva e lhe propõe o amor exogâmico, levando-a para outro reino.

O que precisou ficar adormecido na latência, pode ser despertado quando ela é levada para outro reino e a rivalidade com a madrasta (mãe) se ameniza.

8. Cinderela

São três as figuras maternas em muitos dos contos: a mãe, a madrasta e a fada madrinha.

Neste conto, podemos considerar que a madrasta ocupa, transitoriamente, o lugar da mãe, agora como figura frustradora, rival e cruel.

Houve uma época em que a mãe lançava um olhar terno, apaixonado, devotado para sua filha. Quem resgatará esse lugar será a fada madrinha e favorecerá a elevação da autoestima da nossa heroína.

A desigualdade entre as irmãs aparece de maneira clara neste conto. Reflete algo próprio da vida fraterna na qual, no mínimo, se supõe que haja desigualdade, quando não há desigualdade de fato...

9. João e o Pé-de-feijão

A vaca que não dá mais leite, pode ser uma representação do desmame. Quando ela é trocada pelas sementes mágicas de feijão, vemos que o crescimento passa a ser o foco da história.

O antropofagismo do gigante que devora os meninos, como Cronos (da mitologia grega) devorava os filhos, sugere a figura dominante e possessiva do pai em relação à mãe e aos filhos. Podemos entender como projeção do menino que, assim como o bebê, deseja incorporar a mãe e todos os que lhe são queridos.

Os repetidos roubos de João ao invadir a morada do gigante podem traduzir seu desejo de ser como o pai (gigante), pegando (herdando) algo dele.

A título de conclusão

Todas as atividades que trabalhem os vínculos, as fantasias infantis, suas angústias e anseios, têm um enorme valor para a promoção da saúde mental. Os pais, professores, avós e tios podem se valer dos contos de fadas com a certeza de que algo irá tocar profundamente no mundo interno das crianças. Elas farão suas escolhas, terão suas preferências e pedirão que se conte de novo, à exaustão. É assim mesmo! Do mesmo modo que a criança “abandona” num determinado momento da vida, seu ursinho de pelúcia, aquele conto será esquecido, deixado de lado, e outro ocupará seu lugar.

Brincar, fantasiar, simbolizar é essencial e o gosto pela leitura se origina na infância. Iniciar com os contos de fadas pode ser um bom começo para ingressar nesse universo literário.

O tempo do adulto destinado à criança precisa ser espontâneo e genuíno, distante de distrações como *smartphones*, televisão, computador, de modo que os sutis movimentos sejam vividos, compartilhados e elaborados num verdadeiro espaço de confiança, seja em casa, na creche, no parque ou na escola.